

Método Paulo Freire tem êxito onde Mobral fracassou

Terezinha Nunes

Itambé (PE) — Durante o dia, os homens e mulheres se dedicam a uma atividade produtiva: o preparo da farinha de mandioca em grandes fornos de barro aquecidos a lenha. À noite, porém, o local se transfigura. Ao lado dos fornos, já frios, grandes mesas e cadeiras são colocadas na frente de um quadro-negro preso a um rolo grosso de madeira que segura o teto e está formada a sala de aula. Em ambientes assim, este município de 30 mil habitantes, a 87 km do Recife, cercado pela produção de cana-de-açúcar, está, desde o ano passado, batendo recordes nacionais de alfabetização de adultos.

Enquanto o Mobral passou 20 anos para alfabetizar 1 milhão de adultos em todo o país — 25% dos que concluíram seus cursos e 2,5% dos que foram matriculados — nas escolas rurais e periféricas de Itambé, 121 dos 181 alunos que freqüentaram oito meses de ensino noturno no ano passado — cerca de 70% — acabaram o ano sabendo ler e escrever e com conhecimento das quatro operações. O curso, mantido pelo município que abandonou o Mobral antes do governo fazê-lo, vem redendo muitos elogios do Ministério da Educação ao prefeito Renato Ribeiro (PMDB) e a promessa de que ainda este ano o governo federal deixará com a Prefeitura, oficialmente, a tarefa de alfabetizar seus adultos.

Como começou

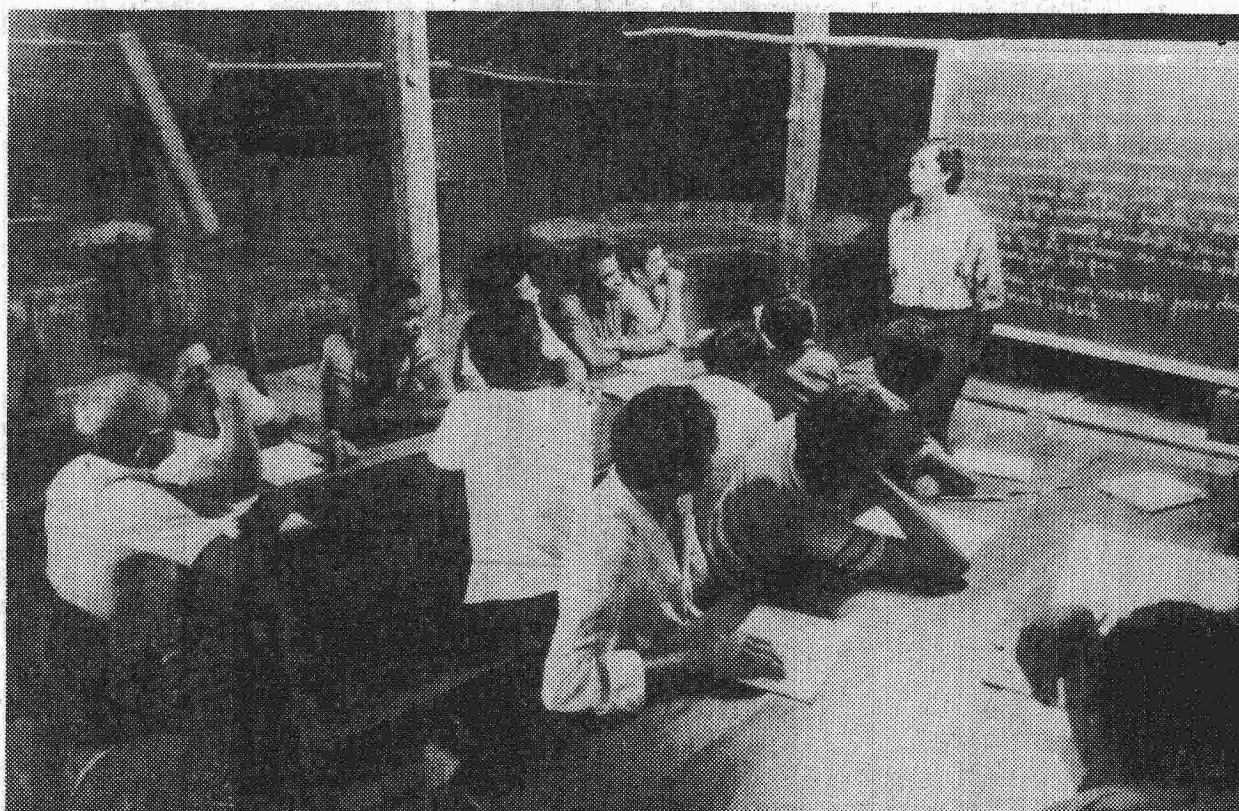
A Prefeitura de Itambé não fez milagres para chegar a estes índices que, segundo o Centro Josué de Castro, do Recife, são os mais altos já comprovados em programas oficiais de alfabetização de adultos no Brasil. Apenas decidiu se valer do Método Paulo Freire, criado pelo educador pernambucano do mesmo nome, e que foi proibido no país desde 1964, sob acusação de que incitava a subversão no campo.

Antes de optar pela encampação da tarefa de alfabetizar os adultos, o prefeito Renato Ribeiro, engenheiro, 40 anos, diz foi se conscientizando aos poucos do problema. Constatou, logo que assumiu o cargo, que 70% das pessoas que tinham entre 15 e 60 anos no município eram analfabetas: “isto explicava duas coisas — conta — o pequeno número de eleitores (6 mil em 1982) e a verdadeira falência do sistema de alfabetização do Mobral que, descobri depois, só servia para empreguismo e, mesmo assim, humilhante pois as professoras ganhavam Cz\$ 60,00 por mês, quando o salário mínimo era Cz\$ 300,00, mas quase nunca compareciam às salas de aula”.

A primeira coisa que ele fez foi romper com o Mobral, cortando as ligações do órgão com a Prefeitura. Depois, tentou financiamento de organizações católicas estrangeiras para um curso de alfabetização e não conseguiu: “finalmente, no ano passado, decidi tocar sozinho, embora enviando planos para o MEC que finalmente este ano deverão ser liberados”. Para tocar a alfabetização de adultos, o prefeito, que em 1964 era universitário mas já se empolgava com o Método Paulo Freire difundido pelo Movimento de Cultura Popular — MCP — de Pernambuco, optou por uma medida revolucionária para o município: destinar 30% do orçamento municipal, que este ano é de Cz\$ 13 milhões, para a educação e começar a treinar 17 monitores (professores) com a promessa de pagar o salário mínimo. A coordenação do método ficou por conta do Centro Josué de Castro, com o qual fez convênio.

Recompensa

O programa teve alguns problemas no ano passado, quando faltaram recursos para iniciá-lo e houve uma grande evasão escolar provocada pelo início do corte da



À noite, as casas de farinha no meio do canavial se transformam em salas de aula

cana-de-açúcar, ocupação principal da zona rural do município. Apesar disso, o curso de alfabetização de adultos da Prefeitura de Itambé, como conta a coordenadora Maria José Galdino, tem rendido preciosos frutos. Este ano, 630 alunos estão matriculados e ela já teme que a fama do trabalho que vem sendo feito atraia até mesmo alunos de outros municípios às escolas de Itambé para se alfabetizar.

— No início — afirma — nós até tivemos dificuldades para fazer matrículas. Todo mundo perguntava se era o Mobral de novo e nos custou muito o convencimento, pois estavam todos decepcionados com o programa federal.

Ela diz que o problema do Mobral não era nem mesmo o método — “muitos métodos podem ser aplicados com bons resultados embora existam poucos para adultos” — mas a execução que cabia a uma comissão municipal onde a política partidária campeava e não havia controle nem supervisão.

— O município é que deve ficar com a tarefa de alfabetizar porque acaba descobrindo o melhor. Aqui se concluiu que o salário mínimo deveria ser garantido, que devíamos ter supervisão, que o Método Paulo Freire era o mais empolgante e acabamos acertando. Além de tudo, o aluno tem condições de reclamar porque está perto da Prefeitura, não precisa se dirigir a Brasília.

Mitos derrubados

O Método Paulo Freire se baseia no ensino da leitura através da palavra e promove debates com os alunos sobre temas do dia-a-dia, como fome, reforma agrária, eleições, vacinação, quadrilha e água. As palavras são pescadas das discussões e a cartilha só é formada dois meses depois de iniciadas as aulas. Com quase dois anos de uso do método, o prefeito Renato Ribeiro diz que alguns mitos foram derrubados e muita coisa positiva foi comprovada:

— Concluímos que, ao contrário do que se dizia em 1964, dois meses não são suficientes para alfabetizar um adulto. Aqui, levamos oito meses com duas horas de aula por dia, no horário noturno. Também, o Método Paulo Freire não é um sistema de doutrinação capaz de provocar medo nas classes dominantes. Até agora não tivemos grandes problemas, embora a Usina Olho D'Água não tenha cedido um de seus prédios na zona rural para as aulas. Entendi que era receio. De positivo, temos a motivação dos alunos que se sentem importantes discutindo seus problemas.

Uma das 17 professoras, Veldilene Belarmino, que tem entre seus alunos o pai, Genésio, de 60 anos, comprova o que disse o prefeito: “Todo mundo participa. Eles entendem muito bem o que se explica e falam muito quando a gente lê os textos da coordenação”.

Os textos de que fala Veldilene são preparados pelo Centro Josué de Castro, que, uma vez por semana, reúne os monitores para orientar sobre o que e como ensinar na semana seguinte. Nestas reuniões os professores são munidos com textos sobre alimentação, subnutrição, saúde, reforma agrária e outros, de onde saíram palavras como fome, vacina e posse que depois estarão na cartilha. Os textos puxam as discussões.

— Não quero nem ouvir falar do Mobral — conta Severino Pedro dos Santos, 34 anos, um dos alunos de Veldilene. Ele resume assim a importância do Método Paulo Freire: “Aqui a gente aprende, mas ensina também. Eu sei mais do que a professora sobre plantação, comida e reforma agrária”.

A coordenadora Maria José Galdino diz que o Método Paulo Freire “tem a grande vantagem de tratar o adulto como adulto e não como criança. Na medida em que fala dos problemas do dia-a-dia, eles ficam mais desinibidos e se sentem mais valorizados. Este é o grande segredo do sucesso”.